

A teal film strip graphic is overlaid on a black background, running diagonally from the top-left to the bottom-right. The film strip has a perforated edge. The title text is written over this graphic.

Relatos de Experiências

CINECLUBES GAPIXABAS

NATHAN MORETTO GUZZO FERNANDES

(ORG.)

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS: CINECLUBES CAPIXABAS

NATHAN MORETTO GUZZO FERNANDES
(Org.)

Colaborações:

CINECLUBE AFOXÉ

CINECLUBE COLORADO

CINECLUBE ECOSOCIAL

CINECLUBE EL CARACOL

CINECLUBE METRÓPOLIS

CINECLUBE MONTANHA SAGRADA

CINECLUBE NOME PROVISÓRIO

CINECLUBE VALENTE

2019

A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE LIVRO SEM FINS LUCRATIVOS, PARA USO PRIVADO OU COLETIVO, EM QUALQUER MEIO IMPRESSO OU ELETRÔNICO, ESTÁ AUTORIZADA, DESDE QUE CITADA A FONTE, SE FOR NECESSÁRIA A REPRODUÇÃO NA ÍNTEGRA, SOLICITA-SE ENTRAR EM CONTATO COM O AUTOR.

Apoio:



DAS POTÊNCIAS DOS CINECLUBES CAPIXABAS: Apresentação

Nathan Moretto Guzzo Fernandes

Restituir-nos a crença no mundo: é este o poder do cinema... (Deleuze)

Este *e-book* nasce como produto de minha cartografia de pesquisa no Mestrado Profissional em Educação no PPGMPE-UFES. Sob orientação da Prof. Dra. Sandra Kretli da Silva, o trabalho intitulado “Imagens cinematográficas no cineclube como máquina de guerra: movimentos de pensamentos e criações curriculares”, aposta na potência do cinema no cineclube como vetor de forças que, por meio da arte, mobiliza ideias e pensamentos na escola.

As primeiras notas para a tessitura deste corpo-livro, foram constituídas em um encontro realizado no dia 17/06/19, em Vitória-ES, que teve a intenção de ouvir as experiências de cineclubes capixabas. Nele, cineclubistas além de contarem suas relações com o cinema, invocam a necessidade de registro de suas práticas com as imagens cinematográficas para que elas possam ser propagadas em outros *espaçostempos*. Ou seja, registrar para anunciar, para alastrar. Eis que surge, desse encontro, a vontade coletiva de criação do *e-book*.

Com ele, pretende-se criar um espaço de conversas, diálogos da educação com experiências criativas. Buscando uma aproximação com as artes, de modo geral e, em particular, com o cinema, a partir das experimentações de oito cineclubes que atuam no estado do Espírito Santo. Questões derivadas do produto indicam algumas problematizações que pretendemos suscitar, como: o que a rede cineclubista pode nos trazer de pistas para criar outras práticas com as imagens cinematográficas na escola? Quais os modos para superar, por meio do cinema, as aprendizagens somente recognitivas nos *espaçostempos* escolares? Como as experiências cineclubistas podem potencializar processos de *aprenderensinar* inventivos de professores e estudantes por meio de composições curriculares no cotidiano escolar como coletivo compartilhado? De que maneira o movimento cineclubista tem impulsionado a democratização do acesso ao cinema no estado e no país?

Os cineclubes constituem-se como movimentos que apresentam outros modos de exibições de filmes, com seleção de obras que fogem da ordem “imposta”, do cinema estadunidense (*hollywoodiano*) ou do cinema de produções “clichês”, para mero entretenimento e contemplação, que reforçam modos de vida fixados a uma identidade. Diferentemente, prefere-se filmes produzidos nacionalmente, apostam em um cinema *menor*, no sentido deleuze-guattariano daquilo que foge da centralização mercadológica, aberto a experimentações com filmes do cinema político, do cinema experimental, de filmes que trazem outras imagens, sons, narrativas, *espaçotempos* e que, dessa maneira, apresentam alternativas para possibilidades pedagógicas com o cinema.

Há ainda, entre os rituais dos cineclubes, após as exibições, a extensão para conversas-debates-discussões, momentos de trocas, partilhas, compartilhamentos dos efeitos produzidos pelos filmes nos corpos-espectadores. O valor das conversações como micropolítica ativa está inscrito no plano da vida, pois ao se relacionarem com a obra apresentada, as conversas e narrativas expõem vivências que tem como fonte a experiência. Torna-se um modo de explorar os sentidos, aumentando a potência de afetar e ser afetado no encontro com as imagens, com o outro, e outros. Há abertura para a alteridade, que a partir dos múltiplos intercâmbios e conexões tecidas em meio ao grupo, pode pôr força em novas composições de um corpo-coletivo que se expande e expande, como comunidade compartilhada, dialógica, plural.

Dessa maneira, os cineclubes que marcam presença neste livro, deixam pistas para novos modos de relacionar o cinema aos currículos escolares, bem como para democratizar o acesso às obras cinematográficas nas escolas.

No primeiro momento, os cineclubes que compõem com seu relato de experiência este *e-book*, são: Afoxé, Colorado, El Caracol, Valente. Eles têm em comum a escolha de filmes que fogem ao cinema corriqueiro, com exibições que trazem discussões étnico raciais (Afoxé); filmes que fazem relação com produções literárias brasileiras (Colorado); exibições de produções latino-americanas descoloniais (El Caracol); ou atravessando todas essas questões e outras, em sessões em escolas (Valente).

Com a intenção de ampliar a participação de cineclubes capixabas neste material, fizemos uma segunda chamada para envio dos relatos de experiências. Neste segundo convite, outros cineclubes puderam enviar seus textos para compor este livro. São eles: o Ecosocial com a proposta de exibições de cunho ambiental no interior do estado; o

Metrópolis enquanto um cineclube atuante na universidade; o cine Montanha Sagrada com mostras e oficinas na região da Serra do Caparaó capixaba; o cineclube Nome Provisório, com exhibições dentro e fora de escolas. Totalizando **oito experiências** cineclubistas expostas neste livro, e que faremos uma breve apresentação como convite à leitura na íntegra de cada um.

O **Afoxé**, presente no primeiro capítulo, é um cineclube itinerante, que atua desde 2017 em Vitória, no Espírito Santo. Composto por mulheres negras, faz exhibições discutindo principalmente questões étnico-raciais. O cineclube conta com espaço de estudos sobre o cinema negro, tem produção audiovisual interna e conta com apoio de editais de fomento a cultura. Desde sua criação, o Afoxé já organizou quinze sessões, em onze espaços diferentes no município de Vitória, com foco na afirmação da negritude como potência da vida. Além das sessões, o grupo tem publicado artigos em eventos científicos e livros de modo a divulgar a produção. Para compor com as experiências, o grupo trouxe os atravessamentos da exhibição na Biblioteca Pública Estadual, onde foram exibidos dois curtas metragens que abordam de modo poético as memórias de famílias negras.

O cineclube **Colorado**, presente no segundo capítulo, atua desde 2009 no município de Cariacica-ES. Tem a intenção de promover a cultura do audiovisual no município, a partir da exhibição de filmes que estão fora dos circuitos comerciais. Se pretende enquanto espaço diferente do cinema corriqueiro, pois no cine Colorado o foco principal é a interação dos espectadores com os filmes e a socialização de suas experiências com o grupo. Inicialmente, as exhibições do Colorado começaram em um bar, com equipamentos emprestados e projeção dos filmes em uma parede de cimento, de modo rudimentar. A partir de editais de fomento da cultura foi possível melhorar a estrutura para as exhibições, com a aquisição de novos equipamentos. Atualmente as exhibições ocorrem na Biblioteca Pública Municipal de Cariacica. O cineclube trouxe duas experiências: a primeira, de um festival criado pelo grupo, intitulado “Curta Colorado”, que teve a intenção de promover o cinema produzido no estado do Espírito Santo e que possibilitou criar no município de Cariacica, um pequeno festival de cinema, democratizando o acesso a filmes fora do circuito comercial. A outra experiência foi com o projeto “Cinema e Livros”, que é desenvolvido em parceria com a Biblioteca Pública Municipal de Cariacica, onde exhibe obras inspiradas na literatura, buscando relacionar os livros e filmes com o contexto inserido.

O cineclube **El Caracol**, presente no terceiro capítulo, foi criado em 2014, desde lá atua com mostras itinerantes, tendo exibições em mais de dez municípios. O cineclube El Caracol, tem como foco em suas exibições produções cinematográficas latino-americanas e caribenhas, operando com filmes que trazem à tona as realidades de comunidades, povos, etnias, subjugadas pela história da região. A inspiração do nome do cineclube foi o movimento dos Zapatistas, de comunidades autônomas indígenas no México e, também, porque o formato do caracol se assemelha ao do rolo do filme. As políticas públicas de fomento a cultura foram fundamentais para a aquisição de equipamento e custeio dos deslocamentos para as exibições, seus integrantes ressaltam que o cineclubismo encontra um apoio em tais políticas, mas a sua razão de existir as extrapola e não se limita aos apoios governamentais para atuar. O El Caracol disponibiliza para empréstimo os materiais adquiridos a partir da verba pública para outros grupos, coletivos ou movimentos que desejam impulsionar atividades de cunho cultural, pois consideram que estes equipamentos continuam públicos, mesmo que sobre os cuidados do cineclube. O cineclube conta com a parceria de movimentos sociais para as exibições e consideram importante que a arte esteja aliada ao ativismo desses movimentos. Os cineclubistas trazem duas experiências de modo mais detalhado, a primeira retorna a uma oficina de formação em cineclubismo, quando ao final da formação foi organizada uma outra atividade em um centro cultural em Vitória-ES, onde foi exibido o filme guatemalteco *Ixcanul*, em homenagem ao Dia da Mulher Originária. A oficina contou ainda com debates, sarau com música, poesia e intervenções artísticas. Outra experiência trazida foi intitulada de “Cinevivências Indígenas”, na periferia do município de Vila Velha-ES, com exibição de filmes produzidos nas aldeias guarani em Aracruz-ES. Parte da experiência desta oficina constituiu uma vivência da culinária guarani a partir da degustação de comidas típicas do povo.

O **cineclube Valente**, presente no quarto capítulo, foi criado em 2016 e atua com exibições mensais para estudantes de ensino médio, na EEEM Des. Carlos Xavier Paes Barreto, onde está localizado. É composto por estudantes e uma professora-coordenadora do projeto, além de colaboradores externos. Os integrantes do cineclube fazem pesquisa e seleção de filmes para as exibições na escola, propõem conversas e dinâmicas que fazem relação com a mostra fílmica. As exibições percorrem temas transversais diversos, como Família, *bullying*, questões ambientais e políticas, gêneros e sexualidades, questões étnico-raciais, entre outras. O cine trouxe experiências apresentadas por alguns de seus

componentes. Entre as experiências citadas estão a produção de filmes na Serra do Caparaó, participações em oficinas, produção de curtas-documentários em parceria com o projeto “Inventar com a Diferença Cinema Educação e Direitos Humanos”. Os relatos dizem ainda que o cine Valente se caracteriza por práticas que fogem ao engessamento de modos de interagir com o cinema, movimentando a rotina dos cineclubistas e dos espectadores, exercitando o pensamento em oficinas que se tornam prazerosas.

No quinto capítulo, está presente o cineclube **Ecosocial**. Fundado no ano de 2004, no município de Águia Branca, noroeste do estado do Espírito Santo. Atua com apoio de políticas municipais e estaduais de fomento a cultura. As exhibições têm foco na educação ambiental, portanto, os filmes escolhidos geralmente navegam por esta linha. O grupo expõe a importância dos encontros de cineclubes a nível estadual e nacional como espaços potentes para trocas de experiências, compartilhamento de saberes acerca do cineclubismo. Pontuam, também, que o cineclube Ecosocial tem atuado nos últimos anos principalmente como propulsor na formação e criação de outros cineclubes pelo interior do estado, como o cineclube Manuelzinho, o cineclube Imagem em Movimento, o cineclube Olegário Martins, todos no interior do Espírito Santo. De modo que, evidencia-se a fundamental atuação na democratização do acesso a arte cinema em distintos municípios do ES, bem como a efetiva contribuição para a interiorização do cineclubismo. O relato expõe ainda os aprendizados e o crescimento do coletivo em meio aos encontros de cineclubes.

O cine **Metrópolis**, presente no sexto capítulo, nasceu no Centro de Estudos Gerais (Humanas) da UFES, em 1974. Do ano de 1974 a 1992, com o nome de Cineclube Universitário. De 1992 até os dias atuais, Cineclube Metrópolis. O grupo teve como objetivo levar a partir do cineclubismo o cinema brasileiro para lugares e pessoas que ainda não conheciam. O relato de experiência apresenta os períodos de chumbo que o cineclube passou em seu começo, durante a ditadura militar, e a dificuldade manter espaços de efervescência artística e cultural naquele contexto. A falta de manutenção e aquisição de novos equipamentos para as exhibições que dificultavam a continuidade das exhibições. Ao mesmo passo, outras experiências exitosas também são relatadas, como uma exibição no ano de 1994, que se tornou um ato de resistência pró-democracia, num contexto de eleições no estado. À época o cineclube organizava o mês do Cinema Brasileiro, com intuito de divulgar obras cinematográficas nacionais. O espaço do cineclube mesmo que inicialmente modesto, comportando 99 pessoas, recebeu ao longo

de seus primeiros anos, mais de 50 mil presenças. Um marco, que fez com que a universidade olhasse mais detidamente para o espaço, considerando a importância dos equipamentos para as exposições, bem como criação e ampliação de outros espaços para exposições culturais e artísticas. A partir de então, a universidade construiu o Centro de Vivência, com um teatro de 700 lugares e uma nova e ampla sala do Cineclube Metrópolis, com 240 lugares, ambos em pleno funcionamento na universidade até hoje.

O cine **Montanha Sagrada**, constante no sétimo capítulo, atua desde 2013 na Serra do Caparaó Capixaba, em associação com atividades artísticas e culturais da região. O coletivo tem como objetivo difundir obras cinematográficas e formação de público para o cinema nacional. Busca ainda contribuir com a formação de multiplicadores culturais locais, através de oficinas. Através de parcerias na região, o coletivo que constitui o cineclube Montanha Sagrada, elabora mostras itinerantes pela zona rural da região, levando exposições para regiões onde a população tem pouco contato com o cinema. O grupo ressalta a importante parceria do Centro de Artes local, onde o Espaço Puri, foi oportunizado para atuação do cineclube como modo de integração social da região.

No relato constante no oitavo e último capítulo, os integrantes do cineclube **Nome Provisório**, expõem a árdua e bonita história de resistência do cineclube que luta, desde 2012, para existir. O cineclube, fundado por um grupo de estudantes e um professor, elaborava exposições semanais em escola. A princípio, o local de atuação era a EEEM Irmã Maria Horta, no município de Vitória-ES. No entanto, após ter sido expulso da instituição, de maneira arbitrária, pelo conselho de escola, este cineclube tem atuado em outros *espaçostempos* do município. O Nome Provisório tem por objetivo, através das sessões cineclubistas, estimular experiências educacionais de criação artística, debates, interação, compartilhamento de impressões técnico-estéticas, políticas, singulares e coletivas que ampliam os modos de aprender, em espaços que se constituem pela horizontalidade dos diálogos atravessados pela pluralidade de ideias. No relato do grupo, duas experiências são trazidas com o intuito de apresentar a força do cineclube. Como primeira experiência presente no relato, a partir de uma opção política do grupo, decidem expor o episódio e o contexto que resultou na expropriação do grupo do espaço institucional onde atuava – a escola. Tal exposição-experiência não vem como ressentimento, ao contrário, é tomada como aprendizado, como desejo de ao invocar a memória coletiva, ativar o plano presente para inventar outros mundos possíveis, menos rudes e violentos, e em outra direção, mais alegres, solidários e fecundos. Na segunda experiência, o grupo trouxe as produções

audiovisuais autorais do Nome provisório, apresentando as reverberações dos encontros que resultaram na produção de duas curtas-metragens, “Raspage” e “Marrom”.

Desejamos que por meio das possíveis relações e intercâmbios entre *Cinema, Cineclube e Educação*, com as experiências expostas neste produto, seus desdobramentos possam contribuir para novos fluxos nos processos de *aprenderensinar* nas escolas. Que professores possam intensificar o uso das imagens cinematográficas em aula, explorando seu caráter formativo-inventivo e, sob uma prática ativa com elas - como nos ensinam os cineclubes, democratizar o acesso ao cinema e criar novos modos de tecer currículos no cotidiano escolar.

Boa leitura! Boas composições!

PREFÁCIO

Leonardo Almenara

(Cineclubista, membro fundador da Organização dos Cineclubes Capixabas (OCCa), entidade representativa do movimento cineclubista no estado do Espírito Santo, tendo sido seu primeiro presidente).

Os cineclubes nascem nas primeiras décadas do século XX fruto de um contexto de contraponto e resistência à hegemonização cinema comercial diante do mundo. São uma resposta ao modelo de distribuição dos grandes estúdios e de seus desdobramentos na relação com o público. Para este espaço de resistência, cinema não é mercadoria e espectador não se resume a um simples consumidor um produto cultural. Pelo contrário, a relação com a obra audiovisual se dá pela perspectiva da compreensão do processo da cadeia do audiovisual - dos detalhes da concepção, produção e distribuição da obra audiovisual -, além da compreensão do espaço ocupado pelo cinema na construção do imaginário individual e coletivo. Nele é exercitada a organização do público, o que significa que é o próprio conjunto de espectadores, a partir de uma escolha consciente e crítica, que define e sua própria sessão, escolhe seus filmes, assiste coletivamente, realiza a satisfatória tarefa de buscar traduzir um significado daquela experiência. E, a partir dela, ressignifica seu mundo.

Cineclubismo, portanto, é uma atitude. Um emergente ato de transgressão a ideia de estabelecida de passividade na relação com o cinema. As esferas da distribuição, da exibição e da recepção se estabelecem por novas fronteiras e a mediação se apresenta qualificada, pois há um horizontal lugar de fala, proposto pelos debates sugeridos após às exibições.

As primeiras memórias que existem de práticas cineclubistas no Espírito Santo remontam a década de 1950, quando grupos de cinéfilos se reuniam em torno da apreciação estética do cinema. E é na década de 1970, na Universidade Federal do Espírito Santo, que surge um marco, um talvez divisor de águas no cineclubismo capixaba, com grandes desdobramentos na esfera nacional. Nasce o cineclubes Cláudio Bueno Rocha, traçando um novo perfil do pensamento e da atitude cineclubista. Agora, para além das pautas estéticas, narrativas e de linguagem, este cineclubes traz em sua matriz os debates acerca da democratização do país, da liberdade de expressão e organização política da sociedade

civil, pelo viés da cultura e especialmente do cinema brasileiro. Tudo isso sob o contexto político do regime militar que o país vivia.

Essa perspectiva de protagonismo da ação política pelo viés cineclubista cria um profícuo caldo cultural de resistência ao regime, visto que desenvolve uma concepção de cidadania, com base na formação de uma identidade nacional a partir do cinema brasileiro e na sua forma de organização, estruturada em associação democrática, eleições de diretorias e deliberações participativas.

Hoje o cineclubismo continua tendo grande relevância diante da necessidade de se criar e manter espaços de convivência e debate a respeito da realidade sociocultural e política nacional mediadas pela linguagem audiovisual. Isso no contrafluxo da histórica concentração midiática brasileira e dos conglomerados de cinema incrustados em shoppings centers por todo o país.

Desde 2011 no Espírito Santo, existe no Espírito Santo a Organização dos Cineclubes Capixabas (OCCa), atual entidade estadual do movimento cineclubista, ao entorno da qual tem sido empreendido um trabalho coletivo para articular a rede de cineclubes capixabas e desenvolver políticas cineclubistas e de distribuição audiovisual no estado do Espírito Santo. Atualmente, mais de 40 cineclubes são formalmente vinculados à entidade. Cineclubes atuantes em cidades que muitas vezes não possuem sequer uma sala de cinema.

Ainda as potências da atividade cineclubista parecem ter sido renovadas compreendendo a realidade das novas mídias, o processo de digitalização e barateamento das tecnologias de acesso, compartilhamento e exibição da produção audiovisual histórica e contemporânea. Compreendendo que as instituições de difusão e exibição audiovisual de caráter lucrativo não tem interesse ou condições de dar conta da diversidade da produção e dos processos culturais contemporâneos, a atividade cineclubista se percebe renovada, com novos horizontes de programação e inserção social.

E um desses potentes lugares de inserção é a escola.

Que escola hoje não conta com acesso à internet, a computadores e também a alguma TV ou, quem sabe, um projetor?

Além disso, a escola deve ser o lugar da diversidade. É a instituição por onde transitam diversos corpos, de diversas cores, idades, faces que se mostram e se escondem. É um lugar onde ouvimos vozes, que por muitas vezes se calam, mas que também gritam. É um espaço potente de organização do desejo, da forja de vontades e de sonhos. Onde se exprimem sentimentos diversos, de dor, de alegria, de plenitude, de solidão.

A atividade cineclubista na escola, nesse sentido, apresenta-se como um potente espaço de socialização, e descolonização dos sentidos e dos corpos.

A produção e compartilhamento de um material que divulgue práticas cineclubistas capixabas é de grande relevância para que tenhamos acesso a diversidade de experiências exitosas realizadas muitas vezes mais próximo do que imaginamos.

O contato com um material tão rico pode ser o disparador necessário para que novas ações assim aconteçam, dentro e fora da escola, alterando a realidade do espaço institucional e, por tantas vezes, tão formal e distantes da linguagem da juventude. Convenhamos que o modelo de escola que vivenciamos é arcaico, já tão desconectado das novas realidades proporcionadas pelo consumo de aparelhos eletrônicos, pela internet, pela digitalização da vida. Essas novas sínteses devem ser buscadas e a prática cineclubista pode ser um interessante caminho, inclusive enquanto prática metodológica.

Por fim, fica o desejo de que este material seja a semente multiplicadora de novos desejos e de necessárias ações no ambiente escolar.

7. CINECLUBE AFOXÉ: UMA EXPERIÊNCIA DE CINEMA, ITINERÂNCIA E NEGRITUDES

Relato de Bárbara Maia Cerqueira Cazé

barbaracaze@gmail.com

Nome: Cineclube Afoxé

Integrantes: Bárbara Cazé, Rozí de Sá, Rita Sueli Coutinho, Daiana Rocha, Daiane Silva e Aila Felício

Local de atuação: Cineclube itinerante



Emblema: Fonte: Acervo cineclube Afoxé (2019).

Cineclube Afoxé é um projeto cultural de natureza cineclubista itinerante, voltado para a exibição, o conhecimento e a difusão de produções cinematográficas e fílmicas dirigidas por mulheres ou que tenham como temática as questões das mulheres, sobretudo das mulheres negras, em diversos espaços na Região do Centro Vitória. O projeto de criação do Cineclube Afoxé foi aprovado no Edital de Cultura do Estado do Espírito Santo do ano de 2017.



Sessão organizada em parceria com a Mangueteca, em 01/09/2018. Fonte: Acervo cineclube Afoxé (2018).

As sessões cineclubistas organizadas pelo Cineclube Afoxé desde a sua criação somaram quinze sessões, em onze espaços, na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, envolvendo diretamente trinta mulheres convidadas como debatedoras para enriquecer as conversas após a exibição e um público de mais de 450 espectadores, ações com ampla divulgação nos principais jornais locais e outras mídias (blog, sites, perfis nas redes sociais). Como espaço de investigação sobre o cinema Negro e o cinema produzido por mulheres, o Cineclube Afoxé está em diálogo com a universidade e eventos científicos, publicando reflexões a partir da sua atuação.

Como cineclube itinerante, o Cineclube Afoxé já realizou sessões em diferentes espaços culturais e equipamentos públicos na cidade de Vitória, a saber: (1) Má Companhia - Casa dos Grupos de Teatro Z e Repertório; (2) Casa Porto das Artes Plásticas; (3) Arquivo Público do Espírito Santo; (4) Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo; (5) Parque Botânico da Vale; (6) Museu Capixaba do Negro “Verônica Pas”/Mucane; (7) Mangueteca; (8) Casa da Memória do Morro da Piedade; (9) Cine Metrópolis; e (10) Instituto Das Pretas. A itinerância permite ao Cineclube Afoxé o estabelecimento de parcerias com outros coletivos, entidades, espaços culturais e equipamentos públicos, pois compreendemos que a colaboração potencializa as ações, além de fortalecer a cena

cultural local e atrair maior variação de público às atividades. Tendo isso como valor para atuação cultural, o Cineclube Afoxé firmou parceria para algumas de suas sessões com o Núcleo Afro Odomodê e com o Cineclube Tereza de Benguela; e, promoveu sessões dentro da programação cultural de eventos, como Pretas Potências, iniciativa do Instituto das Pretas com a Vale, ocorrida no Parque Botânico da Vale, e no circuito Ará-Ayó, da 4ª Conferência Mundial de Ações para Redução das Desigualdades Étnico-Raciais, que aconteceu na Universidade Federal do Espírito Santo.



Sessão em parceria com o Cineclube Tereza de Benguela no Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”, em 28/07/2018. Fonte: Acervo cineclube Afoxé (2018).

O Cineclube Afoxé tem se firmado como atividade cultural e de pesquisa sobre o cinema negro e o cinema produzido por mulheres, sobretudo mulheres negras. Assim, além das sessões cineclubistas, publicamos artigos em anais de eventos científicos e livros, como na 5ª Conferência Mundial de Combate às Desigualdades Econômicas Raciais e Étnicas, que aconteceu no período de 26 a 29 de setembro de 2018, na Universidade Federal do Espírito Santo, e no XX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), no GT8 Gênero e Relações Étnico-Raciais, que aconteceu na cidade de Salvador, capital da Bahia, no período de 4 a 7 de dezembro de 2018.



Sessão de estreia do Cineclube Afoxé na *Má Companhia*, em 05/05/2018. Fonte: Acervo cineclube Afoxé (2018).

Após a exibição, é organizada uma roda de conversa com mulheres, para tratar de temas relacionados à condição de vida de mulheres negras suscitados pelos filmes, mediada por convidadas de referência no tema ou realizadoras e aberta à participação das/os espectadoras/os. Consideramos a roda de conversas um ponto importante para compreensão do filme e do diálogo com as questões sociais. O movimento da roda de conversa seguiu numa espiral crescente, tocando em conceitos basilares para a compreensão da dinâmica de funcionamento do racismo no Brasil.

O uso do termo “raça”, por exemplo, foi umas das questões que apareceram em nossas conversas. A ideia de classificar os homens em raças diferentes de acordo com a tonalidade da pele tem origem no século XVIII, em decorrência dos trabalhos da Zoologia e Botânica. Embora tenha havido avanços significativos na ciência, os termos raça branca, negra e amarela até hoje persistem estanques no imaginário coletivo e na terminologia científica.

O problema, segundo Munanga (2003), não consiste na classificação em si, mas na hierarquização das raças, estabelecendo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais, o que deu origem a uma teoria pseudo-científica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Se na Biologia verifica-se a inoperacionalidade do conceito de raça, temos a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão. Somos todos iguais em biologia, no entanto, na realidade social, o conceito de raça carregado de ideologia é usado para justificar práticas de diferenciação no tratamento de grupos de indivíduos e a consequente negação de direitos.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. (MUNANGA, 2003, p. 6)

No Brasil, a diáspora da população negra vinda do continente africano para serem escravizados implicou na desumanização dessas pessoas que eram negociadas como mercadoria de alto valor agregado. A abolição da escravatura acontece somente no ano de 1888, sendo o Brasil, o último país das Américas a proibir a negociação de pessoas. Essa proibição tardia, seguida de nenhuma reparação que promovesse a inclusão social da população negra, fez com que atualmente o país ocupe os piores índices sociais e em situação de vulnerabilidade em vários segmentos da vida, dos pilares que estruturam a sociedade às relações privadas de afeto.

Práticas marcadas pela diferenciação e pela injustiça que estratificam e hierarquizam a sociedade, justificadas pela tonalidade da pele, podemos denominar por racismo, nas palavras de Munanga (2003),

(...) o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (MUNANGA, 2003, p. 8)

Em cada país o racismo apresenta especificidades próprias que dizem respeito ao seu processo de colonização, à diáspora e à escravidão da população negra vinda do

continente africano. Numa reflexão sobre a situação racial no Estados Unidos da América e no Brasil, Nogueira (2007) nos dirá que, como se apresenta nesses países, há diferenças quanto à sua intensidade e quanto à sua natureza. Para explicar esse fenômeno, o autor utiliza os termos “preconceito de marca” para explicar como o racismo opera no Brasil e “preconceito de origem” para explicar como o racismo opera nos Estados Unidos da América.

Nota-se que Nogueira (2007) não utiliza o termo racismo, como utilizado no texto corrente, preferindo o termo “preconceito”, porém, a partir da definição de preconceito que adota, o compreendemos como sinônimos.

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as conseqüências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 2007 p. 298)

Explicitaremos algumas características do preconceito de marca engendrado no Brasil apresentado por Nogueira (2007). O preconceito de marca atua na preterição de indivíduos negros, podendo haver negociações por razão de educação, profissão, condição econômica, aptidões ou outros atributos que possam “compensar” a sua condição étnica, visando a aprovação social tanto pelos indivíduos de sua própria condição racial como pelos componentes do grupo dominante. O critério para a definição de membro do grupo discriminado é do fenótipo ou da aparência racial, e a intensidade do preconceito irá variar em proporção direta aos traços negroides de cada indivíduo. No que diz respeito à ideologia, o preconceito de marca é assimilacionista e miscigenacionista, ou seja, a expectativa é que com os sucessivos cruzamentos interraciais ocorra o embranquecimento da população, ao passo que, progressivamente, indivíduos negros abandonem a sua herança cultural. A consciência da discriminação tende a ser intermitente, em geral se inicia quando o indivíduo vai ampliando a frequência de contatos secundários e ocupando novos espaços.

Num país onde a identidade racial é forjada sob o mito da democracia racial, compreender a complexidade que envolve o racismo não é uma tarefa fácil, exige esforço intelectual e consciência crítica da realidade social. É sempre motivo para desconforto para pessoas negras e brancas, gerando muitas dúvidas de difíceis verbalização por quem a vivencia, além de gerar sofrimento de ordens diversas. Compreender de forma racional as ocorrências de racismos das quais são vítimas implica questionamentos mais íntimos em relação à identidade e assumir que “sim, sou negra”/ “sim, sou negro”. Esse reconhecimento, ainda que não seja publicizado, implica em dar-se conta de quem se é; em algumas situações implica em assumir uma identidade a que buscamos escapar ou mesmo negar.

Para Hall (2000) a identidade não é conceito essencialista, é um conceito estratégico e posicional, é um “eu” performativo mutável em negociação. Segundo o autor, estamos vivendo a modernidade tardia, na qual as identidades são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, multiplamente construídas ao longo de discursos, sujeitas a historização, por isso, em constante processo de mudança e transformação. A identidade diz respeito ao reconhecimento do que nós somos ou não somos impreterivelmente por meio da relação com o Outro, em diálogo com o que representamos e como essa representação nos afeta, considerando nosso passado histórico.

Crescemos aprendendo a suavizar os traços negroides, como nas situações de emitir autodeclaração usando os termos “pardo” ou “moreno” ao invés de “negro”, a omitir nossa religiosidade de matriz africana, a usar de tratamentos estéticos de alisamento de cabelos crespos, afinamento de nariz, entre outros. Quanto mais fortes os traços negroides, mais vulnerável a ser vítima de racismo o indivíduo está. Tomemos o tom da pele, como um traço negroide de mais difícil disfarce, quanto mais escuro for o tom da pele mais os indivíduos estão vulneráveis.

Aprendemos desde muito cedo a nos punir num movimento de reprodução das violências a que somos vítimas por causa da nossa condição racial. Olhamo-nos no espelho e aprendemos a não ver beleza alguma, somos críticos a forma alargada do nariz, à textura do cabelo crespo, ao tamanho dos lábios, as formas mais acentuadas do nosso corpo; olhamos a televisão, o cinema, as capas de revistas e não temos referências positivas para nossos traços. Violentamo-nos na esfera íntima, perseguindo uma autoimagem que exige o apagamento de nossas marcas raciais, não nutrindo nossa autoestima e nossa

autoconfiança – exatamente como a sociedade racista nos violenta na esfera social ao sinalizar os espaços que podemos ocupar. Romper a lógica desse sistema opressor exige esforço intelectual individual para a compreensão da complexidade do racismo e articulação política coletiva para fortalecimento dos nossos em nossa comunidade.

bell hooks¹ explica que a escravidão impactou na forma de amar da população negra, pois na condição de pessoas escravizadas foram testemunhas de famílias sendo separadas após negociações comerciais e entes queridos sofrendo abusos, fome, sendo espancados e mortos diariamente sem razão. A sobrevivência nas senzalas estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções. Enquanto que a prática do amor tornaria uma pessoa mais vulnerável e o sofrimento algo insuportável.

A repressão dos sentimentos seguiu como estratégia de sobrevivência da população negra mesmo depois da escravidão. Para a população negra, suprir as necessidades materiais torna-se sinônimo de amar, deixando as necessidades emocionais em segundo plano. bell hooks nos chama a atenção para o fato de que viver plenamente significa ter necessidades materiais atendidas, além de reconhecer e atender as necessidades emocionais. Precisamos praticar o amor como política de vida, como estratégia de uma experiência de uma vida plena historicamente negada à população negra. É preciso, portanto, criar condições para viver plenamente, assumindo a necessidade de conhecer o amor.

Para a autora, a arte e a prática de amar começa com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar. O primeiro passo para o cultivo do amor interior dá-se no movimento de se olhar no espelho e substituir a crítica negativa pelo reconhecimento positivo. O cultivo do amor interior depende da afirmação do direito de amar interiormente.

A mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros entendam a importância de sua vida interior. Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas. (HOOKS)

Nutrir o nosso amor interior passa também pela busca da vida plena para mim e para o outro. Reconhecendo em mim a necessidade de amar e ser amada, sou capaz de agir de

¹ bell hooks é grafado todo em minúsculo em respeito a escolha da autora de ser assim identificada.

modo a nutrir o amor interior do outro. Nesse movimento nós, que fazemos parte da população negra, aprendemos a amar, amando, nos curamos das feridas feitas em nossos ancestrais com a escravidão.

Compreendendo o Cineclube Afoxé como *espaçotempo* de troca e aprendizados, compartilhamos algumas imagens de sessões que nos tocaram profundamente, como a sessão na Biblioteca Pública Estadual na qual foram exibidos os filmes dois curtas “Travessia” (Doc, 2017, 5 min), de Safira Moreira, e “Dara” (Ficção, 2017, 18 min), de Renato Candido de Lima. Os dois curtas abordam de modo poético a memória de famílias negras.

A diáspora africana, imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo, trouxe para o Brasil famílias inteiras que foram separadas quando as vidas de homens, mulheres e crianças negras eram comercializadas. Na condição de escravizados, a manutenção dos laços sanguíneos nunca era respeitada. As famílias negras brasileiras nascem dessa história marcada pela violência da separação e múltiplas formações possíveis sanguíneas ou não.

No documentário “Travessia”, a diretora Safira Moreira, parte da busca pela memória fotográfica das famílias negras e assume uma postura crítica e afirmativa diante da quase ausência e da estigmatização da representação do negro. Já na ficção “Dara”, de Renato Candido de Lima, trata do reencontro de uma família do interior da Bahia na cidade de São Paulo, nos anos 60, pelo olhar de uma garota negra de 10 anos. Após a exibição dos filmes aconteceu uma roda de conversa com convidadas. Reforçando a proposta de acolhimento, as exibições do cineclube são sempre abertas para que as mulheres possam participar levando os seus filhos.

AUDIOVISUAL

Memória de famílias negras

O Cineclube Afoxé faz sessão hoje com os filmes “Travessia” (foto), de Safira Moreira, e “Dara”, de Renato Candido de Lima. Os dois curtas abordam a memória de famílias negras. Às 19h.

Biblioteca Pública do Espírito Santo. Avenida João Batista Parra, 165, Enseada do Suá, Vitória.
Entrada gratuita. Informações: (27) 3137-9351.

SAFIRA MOREIRA/DIVULGAÇÃO



Recorte de Jornal A Gazeta divulgando o evento na Biblioteca Pública Estadual, em 03/07/2018. Fonte: Acervo cineclube Afoxé (2018).



Sessão na Biblioteca Pública Estadual, em 03/07/2018. Fonte: Acervo cineclube Afoxé (2018).

É com satisfação que compartilhamos algumas das experiências do Cineclube Afoxé, por compreendê-lo na interseção do cenário cultural capixaba e dos movimentos sociais que lutam pelo direito à afirmação positiva de nossa identidade racial negra. Podemos continuar essa conversa numa das nossas sessões em algum lugar na cidade de Vitória, Espírito Santo, sempre divulgadas antecipadamente em nossos perfis nas redes sociais.

Perfis no Facebook e instagram:

<https://www.facebook.com/cineclubeafoxe>

<https://www.instagram.com/cineclubeafoxe/>

Referências

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2000.

HOOKS, Bells. Vivendo de amor. Disponível em <http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem - Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. 2007

2. CINECLUBE COLORADO: DO CINEMA-BAR AO CINEMA-LIVRO

Relato de Juliana Gama.

O Cineclube Colorado surgiu em agosto de 2009, no município de Cariacica – ES, com o intuito de realizar sessões de filmes e promover a cultura do audiovisual no município. Integrantes: Alex Siqueira, Bruno Mattos, Fábio Gama, Felipe Capixaba, Juliana Gama, Linda de Abreu, Nara Trancoso, Thiago Teixeira, Viviam Borré, Wagner Santana.

A criação do Colorado se deu a partir da participação em sessões do Cineclube Central, em Vila Velha, por volta de 2007. Naquele período, alguns de seus fundadores não tinham conhecimento sobre o que era a atividade cineclubista e como um cineclube funcionava. Porém, ao frequentar as sessões do Cine Central tiveram contato com uma atividade cultural até então desconhecida por eles e perceberam que a atividade também poderia ser realizada em outros locais.

A ideia de criar um cineclube em Cariacica e promover sessões de cinema foi compartilhada com outras pessoas e chegou até o dono de um bar - o Bar do Pantera, que já realiza atividades culturais. E foi ali que a história do Colorado começou.

No início, as sessões do Colorado aconteciam com equipamentos emprestados e a projeção dos filmes era feita em uma parede de cimento. Com o decorrer das atividades e a participação em editais de cultura, foram adquiridos equipamentos próprios.

O Colorado sempre priorizou promover sessões com filmes que estão fora do circuito comercial, produções independentes, que quase não possuem espaços para serem divulgados e muito menos são exibidos nos cinemas dos shoppings. Dentre eles, filmes nacionais e produções capixabas.

Com a experiência que a atividade cineclubista foi proporcionando no decorrer das sessões, veio o contato com outros cineclubes, o que proporcionou a troca de experiências e o fortalecimento da atividade cineclubista no Estado.

O Colorado esteve presente em momentos importantes do cineclubismo capixaba, como a criação da Organização dos Cineclubes Capixabas (OCCa), entidade representativa do movimento; assim como a participação em encontros estaduais e na criação da Filmoteca Capixaba.

A experiência da atividade também possibilitou o conhecimento sobre as redes que são formadas para a exibição de mostras e circuitos de cinema como a “Mostra do Filme Livre”, o “Festival do Minuto” e o “Dia Internacional da Animação”. Ainda, foi possível ter contato com mostras locais e uma delas foi a “Mostra Produção Independente”, da Associação Brasileira de Documentaristas e Curta Metragistas do Espírito Santo (ABD Capixaba), uma experiência enriquecedora que permitiu o contato com os realizadores capixabas.

O contato com realizadores e o trabalho por eles produzido nos deu a ideia de criar uma mostra de curtas organizada pelo próprio Colorado, principalmente para incentivar o público a conhecer ainda mais a cultura capixaba. Assim surgiu o “Festival Curta Colorado”, mostra competitiva de curtas metragens capixabas.



Cineclube Colorado - Festival Curta Colorado / Cariacica-ES - Foto Cláudio Postay. Fonte: Acervo cineclube Colorado (2019).

O festival “Curta Colorado” veio para promover o cinema produzido em nosso estado e, além disso, valorizar a participação do público que frequenta as sessões, contando com a participação dos expectadores para escolher o melhor filme do festival.

Promover um festival de cinema trouxe para o Colorado a oportunidade de inserir a cidade de Cariacica no circuito de festivais de cinema, ainda que de uma forma modesta. A

iniciativa também trouxe para o município uma movimentação cultural que até então não existia, contribuindo com o enriquecimento da cultura local.

Essa experiência ajudou o cineclube a pensar em outras formas de atuação, para além das exibições de filmes que já acontecem. Ocasinou a possibilidade de despertar o interesse do público em conhecer a produção cultural que está mais próxima de nós, valorizando assim sua própria identidade.

O cineclube tem a proposta de ser um espaço diferente do cinema, onde o foco principal é a socialização de ideias e a interação entre os participantes. Isto permite pensar a programação de filmes de acordo com o contexto no qual o cineclube está inserido. Ao mesmo tempo, é possível pensar diversas temáticas dentro desse contexto.



Cineclube Colorado - projeto "Cinema e Livros". Fonte: Acervo cineclube Colorado (2019).

Como é o caso do projeto “Cinema e Livros”, desenvolvido em parceria com a Biblioteca Pública Municipal Madeira de Freitas de Cariacica, cujo objetivo é exibir obras cinematográficas que tiveram inspiração nos livros. Dentro do contexto da biblioteca percebemos uma diversidade de temáticas que podemos trabalhar e isso nos possibilita alcançar um público muito diverso.

Assim como os livros são organizados na biblioteca de acordo com seu tema, em cada sessão os filmes apresentados têm uma temática diferente, dessa forma temos atingido pessoas de várias idades, crianças e adultos, proporcionando ainda mais a democratização do acesso ao cinema.

Desenvolver esse projeto deu oportunidade ao cineclube de alcançar um público que não se sente à vontade em frequentar o ambiente de um bar, já que antes de exibir na biblioteca as atividades do Colorado aconteciam no Bar do Pantera. Com isso, observamos também que a maioria das pessoas não tinha conhecimento da existência do Colorado e muito menos sabiam o que era um cineclube e isso fortaleceu ainda mais as atividades do Colorado.

3. CINECLUBE EL CARACOL: TECENDO MOVIMENTOS DESCOLONIAIS COM FILMES LATINO AMERICANOS

Relato de Vitor Taveira



Equipe Cineclub El Caracol. Fonte: Cineclub El Caracol (2019).

Nome do cineclub: Cineclub El Caracol Com foco da divulgação da cinematografia latino-americana e caribenha. O nome do projeto remete ao filme colombiano *La estratégia del caracol* e aos Caracóis Zapatistas, zonas indígenas autônomas no México.

Integrantes atuais: Diego Barbosa, Vitor Taveira, Luciana GB, Patrick Ericsson, Pablo Martino

Local de atuação: O El Caracol é um cineclub itinerante que realiza exibições cineclubistas em diversos municípios capixabas e fora do Espírito Santo: Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, São Mateus, Aracruz, Guaçuí, Fundão, Ecoporanga, Conceição da Barra, Foz do Iguaçu (PR).

O Cineclub El Caracol foi criado em 2014 por ativistas e produtores culturais capixabas interessados na cultura e produção audiovisual latino-americana e caribenha. A reunião

oficial de constituição do El Caracol data em 13 de agosto do mesmo ano, embora as articulações houvessem sido iniciadas meses antes.

Havendo viajado por diversos países do continente e estudado questões históricas e culturais da região, pensaram no cinema como uma possibilidade de dar visibilidade, no Brasil, à cultura dos países vizinhos e das proximidades.

O cineclubismo, então, foi visto como uma estratégia interessante não só para divulgar essa produção que pouco chega ao Brasil- já que nos cinemas, TVs e outros espaços predominam produções estadunidenses, mas também para ocupar e criar outros espaços de exibição, fora do circuito, para além dos cinemas comerciais localizados nos Shopping Centers com suas barreiras culturais e financeiras para acessibilidade a todos.

Assim o El Caracol colocou a casa nas costas e partiu para iniciar sua trajetória modesta, mas valente, de itinerâncias para que o cinema latino-americano e caribenho de alta qualidade e perspectiva crítica chegue a mais pessoas.

O nome faz referência a algumas inspirações dos criadores do cineclube. Uma delas é cinematográfica: o filme colombiano "A Estratégia do Caracol", que foi exibido na sessão de inauguração de nosso cineclube em 27 de setembro de 2014 no bairro São Pedro, em Vitória. Outra referência para escolha do nome Caracol é que esta também é a designação de organização das unidades de bom governo e poder popular dos indígenas zapatistas no México.

Além disso, o desenho do caracol é visto como numa associação ao rolo de filme antes usado na projeção, uma alegoria presente na logomarca do cineclube, desenhada pelo cartunista paulista Lucas Fontana.

O início

Para o pontapé inicial foi fundamental o acesso às políticas públicas por meio de seleção do edital de Cineclubismo da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (Secult) de 2014, que permitiu a compra de equipamentos de alta qualidade técnica para permitir projeções itinerantes e cobrir outros custos decorrentes da atividade cineclubista. Vale ressaltar que a inclusão do cineclubismo como uma categoria contemplada pelas políticas públicas é fruto de um longo processo de luta do movimento cineclubista capixaba desde as décadas de 70 e 80.

Nestes cinco anos, o Cineclube El Caracol realizou exposições em Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, São Mateus, Aracruz, Guaçuí, Fundão, Ecoporanga, Conceição da Barra e Foz do Iguaçu (PR), tendo feito parcerias também com coletivos para apoiar sessões em outros municípios com empréstimo de equipamentos e outras colaborações.

Em nossa concepção, estes equipamentos adquiridos a partir de recursos públicos continuam sendo equipamentos públicos, embora sobre gestão e controle do El Caracol. Estão disponíveis gratuitamente para empréstimo para grupos, coletivos e movimentos que queiram fomentar atividades de cunho cultural desde que seguindo alguns cuidados, recomendações e responsabilidades para preservação dos materiais.

Podemos avaliar a partir da experiência de cinco anos de existência de nosso cineclube, que a opção pela itinerância é bastante trabalhosa, porém também interessante. Surge da ausência de uma sede fixa mas também da vontade de fomentar a cultura e o cinema em lugares diversos.

Nesse sentido, é fundamental a parceria com grupos e entidades atuantes nas comunidades em que realizamos atividades, que conhecem bem seus territórios, as formas de mobilização das pessoas, os locais, dias e horários mais adequados para as ações, os possíveis apoiadores e muitas outras coisas que são necessárias para realizar atividades cineclubistas.

Na trajetória do El Caracol podemos citar entre esses parceiros, associações de moradores, movimentos sociais, centros culturais, universidades, cursinhos populares, escolas, horta comunitária, ocupações urbanas, centros religiosos, entidades do poder público, espaços privados como bares e restaurantes, sempre com sessões totalmente gratuitas.

Assim nos constituímos cineclube com um pé na arte e outro no ativismo. Acreditamos na arte que questiona e transforma, e buscamos promover o cinema que faz pensar e agir, por isso construímos em conjunto com estes movimentos.

Caminhos de caracol

Em 2014, as atividades do Cineclube El Caracol tinham foco na região da Grande Vitória. Porém, acaba por se deslocar, em 2015, para São Mateus, no norte do estado, onde realiza atividades com frequência.

Em 2016, diante da intenção de retomar as atividades na Grande Vitória, o grupo consegue ser contemplado novamente no edital da Secult, adquirindo novos equipamentos para exposições. O mesmo filme, "A Estratégia do Caracol", marca a reestreia do projeto na Grande Vitória, desta vez na Ocupação Chico Prego, em momento importante da luta por direito à moradia no Centro de Vitória. A nova exibição do filme foi vista como apropriada pois este aborda com bom humor ficcional uma engenhosa e sagaz estratégia adotada por um grupo de pessoas que ocupava um imóvel abandonado, mas cobiçado pela especulação imobiliária.



Exibição na ocupação Chico Prego. Fonte: Cineclube El Caracol (2019).

Com a mudança de residência de um de seus integrantes de São Mateus para Guaçuí, o cineclube encontra também uma nova morada, funcionando em paralelo no sul do estado e na região metropolitana. Devido ao deslocamento de seus integrantes, também já realizou atividade em Foz do Iguaçu, estado do Paraná, na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai.

O El Caracol ainda seria contemplado pelo edital Mais Vida, Menos Petróleo, fomentado pela organização não-governamental Fase dentro da Campanha Nem Um Poço a Mais, com recursos do Fundo Social da União Europeia. Com este incentivo, o cineclube pôde percorrer diversos espaços com a temporada Sangue da Terra, discutindo os impactos da exploração e usos abusivos do petróleo em nossa sociedade sob diversos aspectos:

violações de direitos humanos e ambientais em comunidades tradicionais, envenenamento pelo uso de agrotóxicos e produtos químicos, problemas da geração de lixo e plástico, entre outros.

Mas vale destacar que as atividades do cineclube não se resumem àquelas contempladas ou cobertas por recursos de editais. Os recursos foram importantes para estruturação e manutenção do projeto e defendemos a existência de políticas públicas de fomento, como já ressaltamos; no entanto, entendemos que o cineclubismo encontra nelas um apoio mas não sua razão de ser, que está ligada à luta pela democratização da cultura e especialmente do cinema e no fomento do debate e pensamento crítico. O El Caracol não só promove sessões por iniciativa própria por acreditar que certo filme ou tema seja importante de ser abordado em algum local ou momento, como também recebe convites de comunidades, organizações ou eventos para levar filmes ou apoiar na projeção de obras previamente escolhidas.

Outro ponto que consideramos importante destacar é que o El Caracol também se preocupa em difundir e fortalecer o movimento cineclubista, sendo filiado à Organização dos Cineclubes Capixabas (Occa) desde seu início, participando de encontros estaduais e nacionais e compondo a diretoria da entidade na gestão 2018-2020 representado por Vitor Taveira. O cineclube também realiza atividades de formação focadas em formar novos agentes cineclubistas e ajudar a capacitar aqueles que já atuam mas querem se aprimorar.

Duas experiências marcantes...

É difícil selecionar algumas dentre tantas experiências marcantes na trajetória de anos de atividades do El Caracol.

Vamos começar por uma ligada à formação. Em 2017, como parte do projeto aprovado no edital da Secult, promovemos um dia de atividades cineclubistas, que começaram com uma oficina de formação em Cineclubismo, com 4h de duração, ministrada por Diego Barbosa, um dos fundadores do El Caracol.

OFICINA CINECLUBISMO
El Caracol

13-17h - Oficina de formação em cineclubismo com Diego Barbosa
15h30 - Lanche e exibição do curta-metragem *Que Floresça a Luz* (ES, 2014, 22 min)
18h - Prática: sessão, seguida de debate, com o longa-metragem *Ixcanul* (Guatemala, 2014, 93 min) *
21h - Sarau *

*Temático em homenagem ao Dia da mulher originária

Sábado, 02 de setembro de 2017
a partir das 13h, no Espaço Puchara
(Avenida Maruípe 577, Vitória)

ENTRADA GRATUITA

organização
El Caracol
FUNCULTURA
SECRETES
Secretaria da Cultura

The poster features a colorful geometric pattern in shades of yellow, orange, green, and blue. On the right side, there is a stylized graphic of a woman's face with closed eyes, rendered in a high-contrast, almost woodcut style, set within a black frame that resembles a film screen or a monitor. Below this graphic are several logos, including 'El Caracol', 'FUNCULTURA', and 'SECRETES'.

Oficina de cineclubismo. Fonte: Cineclube El Caracol (2019).

Ao final, como tarefa prática, os próprios participantes da oficina ajudaram a montar uma sessão cineclubista, com apoio da equipe do El Caracol, num espaço cultural no bairro Maruípe, em Vitória. Contando com presença de outras pessoas que não participaram da oficina, foi realizada a exibição do filme guatemalteco *Ixcanul*, em homenagem ao Dia da Mulher Originária, que se celebraria naquela mesma semana de setembro.



Exibição Cine El Caracol. Fonte: Cineclubes El Caracol (2019).

Terminado o filme, foi realizado um interessante debate entre os presentes, seguido de um sarau com música, poesia e outras intervenções artísticas, algumas delas próximas à temática do filme. O evento contou ainda com uma exposição de fotografias sobre a luta do povo originário mapuche na região de Wallmapu, que hoje conforma o Chile e a Argentina. Foi uma experiência que consideramos de sucesso pois uniu todos os integrantes do cineclubes, que já funcionava em localidades distintas em paralelo, reuniu um público significativo, contribuiu para oferecer subsídios para agentes que queriam entender o funcionamento e fomentar o cineclubismo.

O tema retratado e levantado pelo filme também foi positivo por tratar da realidade das mulheres indígenas, duplamente subjugadas na história da América Latina por questões raciais e de gênero. A obra também aborda as tradições, relações humanas e contrastes entre campo e cidade. Em termos de estratégia, o evento como um todo possibilitou perceber a potência de envolver várias linguagens artísticas e vinculá-las ao cineclubismo. No caso, cinema, fotografia, música e literatura foram algumas delas, permitindo agregar e atrair maior número de pessoas interessadas.

Uma outra experiência que podemos citar foi a realização das chamadas Cinevivências Indígenas, junto ao curso de Língua e Cultura Guaraní realizado pelo Centro Cultural

SerMentes, localizado em Vale Encantado, na periferia de Vila Velha. Na ocasião, pudemos assistir filmes produzidos nas aldeias guarani em Aracruz que ajudam a entender um pouco das especificidades culturais deste povo que habita o Estado do Espírito Santo, entre outros lugares.

As atividades contaram com presença de Werá Djekupé, cacique da aldeia Kaagwi Porã e realizador de obras audiovisuais em parceria com o cineasta Ricardo Sá. Para além dos filmes, que trazem imagens e depoimentos do território tradicional, o grupo pôde dialogar diretamente com ele e outros indígenas guarani presentes. Como parte da vivência, também foi realizada degustação de receitas alimentares populares entre os guarani e o ensino sobre produção de tinta corporal a partir de jenipapo.

Observamos a potência do cinema e do cineclubismo na possibilidade de aproximar realidades e culturas aparentemente distantes, rural e urbana periférica, indígena e negra/mestiça. Que cada sessão de cineclube seja um grande aprendizado para cada pessoa participantes.

4. CINECLUBE VALENTE: EXPERIMENTAÇÕES COM CINEMA NA ESCOLA

Relato coletivo.

Integrantes: Emilly Eduarda Ferreira Louzada, Esther Meira, João Guilherme Marassat, Kalianna Tolentino, Kione Pereira, Matheus Muniz, Nicolly Banhos dos Anjos, Smyrna Soares, Vivian Lacerda. Coordenação: Professora Adriane Nunes

O Cine Valente foi criado em março de 2016 a partir do Projeto Cineclubismo e Potencialização de Talentos sob a coordenação da professora Adriane Nunes do Núcleo de Atividades para Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) para suprir a demanda de alunos(as) com indícios de altas habilidades/superdotação na área de linguagem direcionada para o audiovisual, atendendo ao público de estudantes do ensino médio da EEEM Des. Carlos Xavier Paes Barreto onde está localizado o Núcleo de Altas Habilidades. Seus integrantes desde o início do projeto são alunos da escola Paes Barreto e de outras escolas da Grande Vitória tais como Colégio Estadual do Espírito Santo, Escola Maria Ortiz (Vitória), Escola Moacyr Avidos (Vila Velha), Guilherme Santos (Vila Velha) e Escola Hunney Everest Piovesan (Cariacica).

O projeto tem como objetivo a formação de público para o cinema nacional, a problematização das realidades locais da atualidade e fomento a construção de consciência crítica e cidadã, bem como a potencialização de talentos a partir da ferramenta do cinema para atender, realizando exposições temáticas mensais, a partir dos temas transversais propostos pelo MEC tais como: Família, bullying, questões ambientais e políticas, diversidade de gêneros, questões étnico raciais, etc.



Reunião dos integrantes do cineclub valente. Fonte: Cineclub Valente (2019).



Exibição no Colégio Estadual. Fonte: Cineclube Valente (2019).

Participamos do projeto para expressar e desenvolver nossas ideias, reflexões e consciência crítica sobre as realidades que nos cercam em nosso dia a dia, realizando exposições mensais para o público estudantil de ensino médio da escola, a partir de pesquisa fílmica, roda de conversa sobre as produções, preparação de roteiro de exposições e dinâmicas para os debates nas exposições.



Exibição na escola Paes Barreto. Fonte: Cineclube Valente (2019).



Exibição na escola Paes Barreto. Fonte: Cineclube Valente (2019).

A aluna e cineclubista Nicolly Banhos do Anjos, diz que: *“No ano de 2016 tive o prazer de entrar no Cineclube Valente. De lá pra cá, aprendi cada coisa... descobri tanta coisa também. Viajei para vários lugares. Fui para a Serra do Caparaó realizar algumas filmagens para o meu curta-metragem. Fiz, também, um trabalho onde escrevi e produzi o meu próprio curta “Música e Vida”, que fala da relação da música na vida das pessoas, da importância da música em nossas vidas. Ajudei também na produção dos curtas de meus colegas do cine”*.

Matheus Muniz, relata: *“pude ter uma voz própria, que foi aflorada com o tempo. Experimentei desafios que me fizeram crescer como pessoa. E principalmente pôr em prática todo o meu desejo profissional. O nosso cineclube é bem dinâmico, foge da coisa engessada, do tipo ‘fazer sempre as mesmas coisas’. Quando não estamos exibindo, estamos preparando uma oficina, ou até mesmo produzindo nossos próprios filmes, o que faz com que toda a nossa rotina seja movimentada, e principalmente prazerosa em exercitá-la”*.

“Meu primeiro ano de vivência como cineclubista foi um ano de bastante aprendizado, pois a entrada para este novo mundo me proporcionou um melhor senso crítico e uma atenção mais atenta sobre os filmes, os problemas do mundo”, coloca a aluna Agatha Victoria.

“Tudo começa em agosto 2016, ano que entrei no Cine Valente. Sem nenhuma experiência ou contato algum sobre cinema e produção, fui de cabeça. Neste mesmo ano pude viver e aproveitar muita coisa. Passeios com o grupo para o Museu da Vale, exposição de trabalho na Aliança Francesa, ocupação da escola Paes Barreto e Sedu. Participei de uma oficina de teatro com o grupo através do NAAH/S, com a produção do documentário “O Rio Santa Maria da Vitória”, conta o estudante Kione Murqui.

Em 2016 tivemos a parceria com o Projeto “Inventar com a Diferença: Cinema Educação e Direitos Humanos”, sob a tutoria do professor cineclubista e cineasta Marcos Valério Guimarães, trabalhando com o aprendizado teórico sobre o fazer cinematográfico e também com a produção de filmes (ficções e documentários) que teve sua culminância com a mostra das produções em dezembro de 2018 no Cine Metrópolis - UFES.

Ao longo do projeto foram realizados 4 filmes:

Curtas-metragens:

➤ **Música e vida (Nicolly Banhos).**

Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=wVEO9kYgjZk&feature=youtu.be>>

➤ **Muito mais que paraíso (Kaliana Tolentino).**

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ITv2pFZieTY&feature=youtu.be>>

➤ **A dor das tempestades (Emilly Eduarda).**

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ONw18Yjt5EM>>

➤ **Dois sobre um (Matheus Muniz).**

Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=-E46Epu_XJU&feature=youtu.be>



Produção dos filmes carta. Fonte: Cineclube Valente (2019).

Matheus diz que: *“Um dos resultados de toda ação realizada aqui, são os nossos próprios trabalhos autorais. Eu mesmo já produzi no total de 10 filmes, 7 documentários e três ficções. Hoje também já tenho um canal no youtube, e posso dizer que após todo esse esforço, tenho um bom desempenho por todo o meu esforço de anos com o cineclube”*.

Buscamos aprimorar nossos conhecimentos, conhecendo outros espaços e olhares dentro do cinema.



Participação em Oficina no MUCANE - Bonecas Abayomis. Fonte: Cineclube Valente (2019).



Roda de conversa com participação do cineclube valente no VI encontro estadual de cineclubes capixabas. Fonte: Cineclube Valente (2019).



Visita a casa dos contos e da moeda – Festival de cinema de Ouro Preto (MG). Fonte: Cineclube Valente (2019).



Participação nas oficinas do festival de cinema de Ouro Preto (MG)). Fonte: Cineclube Valente (2019).

“Participar de festivais dentro e fora do nosso estado nos proporciona um contato direto com produções já realizadas e troca de experiências com outras pessoas, como estudantes, realizadores amadores e profissionais; também aprendizado técnico sobre cinema”, diz o aluno Matheus Muniz.

Kione Murqui lembra que *“durante esse tempo, realizamos muitas exposições locais, atividades itinerantes em outras escolas e num asilo, visitas em museus, teatros, galerias de arte, parques, festivais, de cinema, tudo aquilo que o cinema e arte nos proporcionaram”.*



Exibição no asilo de idosos de Vitória Fonte: Cineclubes Valente (2019).



Exibição no Colégio Nova Rosa da Penha em Cariacica. Fonte: Cineclubes Valente (2019).



Visita a galeria de arte da Ufes. Fonte: Cineclube Valente (2019).

Podemos concluir que o cinema é com toda certeza a sétima arte, porque tem implícito em si mesmo todas as outras artes, é sensorial e diverso, e o cineclubismo multiplica toda essa potência ao propor acessar o cinema que é nosso, que nos faz refletir e admirar e pensar nossas realidades locais, que tem essa grande capacidade de nos despertar para um olhar crítico, humano e aberto para a diversidade e para o que é belo. A trajetória do Cinevalente tem sido nestes quatro anos de existência justamente o exemplo prático dessas características, formando meninos e meninas mais sensíveis, mais críticos, mais preparados para a vida pessoal e profissional, e principalmente protagonistas de sua própria história.

5. CINECLUBE ECOSOCIAL: DISCUTINDO QUESTÕES AMBIENTAIS ATRAVÉS DO CINEMA



Relato: Luciano Guimarães de Freitas.

Cineclube Eco Social

Cidade: Águia Branca – ES, Região Noroeste do ES.

Integrantes: Luciano Guimarães de Freitas; Vera Lúcia Miranda Guimarães de Freitas; Aparecida Quiuqui de Abreu.

Data de Fundação: 10 de novembro de 2004.

Filiado ao Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros e a Organização dos Cineclubes Capixabas.

Apresentação e Histórico:

O Cineclube Eco Social foi fundado em 10 de novembro de 2004 no município de Águia Branca – ES, Região Noroeste do ES. Tendo sido motivado por um rico processo de fomento social, cultural e ambiental, que se iniciou no município a partir de 2002, com a criação do Parque Ecológico Municipal Recanto do Jacaré – o segundo parque no extremo noroeste capixaba e o 1º de Águia Branca, e também, com a inauguração da Casa Polonesa, espaço que acolhe a sede da Associação Polonesa de Águia Branca, à Biblioteca Municipal e ao Museu Polonês. Tanto o parque como a casa polonês, vieram a marcar o início de um significativo fomento ao desenvolvimento do meio ambiente, como da cultura e outros aspectos sociais.



Primeira sessão do Ecosocial no Parque do Jacaré. Fonte: Acervo cineclube Ecosocial (2019)

Acompanhando este processo que se iniciou a partir de 2002, em novembro de 2004 por meio de uma parceria do Parque Recanto do Jacaré, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, com a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, foi realizada em Águia Branca à uma Oficina de Formação Cineclubista que contou com a presença das cineclubistas Sásquia Sá e Mariza Teixeira do Espírito Santo. Quando ao final desta oficina, foi constituído ao Cineclube Eco Social em Águia Branca.

As primeiras sessões eram voltadas para filmes de cunho ambiental, contribuindo para o processo de educação ambiental que se iniciou com a criação do Parque Ecológico, e entre 2002 à 2010, marcou um rico processo de educação social e ambiental na cidade. Naquele início, usávamos a um pequeno televisor de 14 polegadas que ainda era modelo das antigas televisões com formato de um caixote. Exibíamos dentro do Parque Ecológico e em algumas escolas. Foi somente a partir de 2012 que adquirimos nossos próprios equipamentos, projetor, computador, caixas de som.

Ainda em 2004, o Eco Social compôs a Delegação de Cineclubes Capixabas que participaram da 25ª Jornada Nacional de Cineclubes, realizada em São Paulo – SP. Ao todo a delegação era de 09 cineclubes, sendo o Eco Social o único do interior capixaba. Mesmo que tenhamos sido capacitados por uma oficina de cineclubismo quando o cineclube foi criado, foi de fato, as vivências e trocas de ideias com outros cineclubes de várias localidades no Brasil e com diversificadas propostas de atividade cineclubista, foi

na 25ª Jornada que se abriu um universo muito maior do que anteriormente, compreendimentos quanto ao cineclubismo.

A 25ª Jornada Nacional de Cineclube foi a primeira jornada realizada após a reabertura democrática no Brasil, após um hiato de mais de 10 anos sem haver as jornadas, marcando em 2004, a rearticulação do movimento cineclubista brasileiro.

Após retornarmos desta jornada, o Eco Social ampliou as suas propostas e abordagens, além do filme ambiental, passou a apresentar outros filmes e temáticas, desde a educação, cultura, desenvolvimento comunitário, dentre outros.

Anos mais tarde, participamos da 26ª Jornada em Santa Maria – RS, e da 27ª em Belo Horizonte – MG. Ambas se destacaram pela vinda de ampla representação de jovens e de militantes de outros movimentos sociais, que compreendiam ao cineclube como uma potencial ferramenta para o debate de ideias com ênfases em seus espaços e movimentos sociais.

Entre as Gestões do Conselho Nacional de Cineclubes de 2008/2010 e 2013/2015, o Eco Social integrou a diretoria nacional na função de Tesouraria e Diretoria de Memória, respectivamente.

Desde a sua fundação em 2004 até meados de 2011 o Eco Social, mais que democratizar o acesso ao cinema, em especial, a exibição de filmes voltados para temáticas sociais, e circulando por diferentes espaços, desde a escolas, entidades culturais e espaços públicos. Também foi um dos principais responsável pela difusão e criação de outros cineclubes na região norte e noroeste do Espírito Santo. A exemplo: o Cineclube Pavãozinho, no município de Vila Pavão; o Cineclube Bonfim, em Nova Venécia; o Cineclube Sr. Manoelzinho, em Mantenópolis; o Cineclube Imagem em Movimento, em Barra de São Francisco; o Cineclube Olegário Martins em Água Doce do Norte, dentre outros.

O Cineclube Eco Social por mais que sua atividade fosse primordialmente voltada para democratizar o acesso ao cinema e a valorização do cinema nacional e a defesa dos direitos do público de acesso ao cinema enquanto arte que entrega a nossa cultura identidade. Destaca-se por sua efetiva contribuição para a interiorização e difusão do cineclubismo no interior do ES, em municípios de pequeno e médio porte, em diferentes regiões do estado. De fato, muitos cineclubes acabam tendo um curto período de

atividades, seja pela ausência de apoio ou por considerarem a atividades cineclubes como uma mera ação de lazer.

Ao participar do Programa Rede Cultura Jovem, realizado em meados de 2011 pela Secretaria de Estado da Cultura do ES, ação que consideramos ter sido o maior programa de fomento a cultura e sua formação por todas as regiões do ES. O Eco Social passa a assumir um papel de diálogo com outros segmentos no noroeste capixaba, vindo a contribuir na luta pelo desenvolvimento de políticas públicas para a cultura no interior capixaba. Assim, quando participa do Curso de Formação Agente Cultura Jovem e do Bolsa Cultura Jovem, surge o Projeto Olhares, ação realizada pelo Cineclube Eco Social.

As primeiras atividades se voltaram para um estudo sobre a percepção da juventude em Águia Branca, como se entendiam como receptores e produtores de cultura, como compreendiam a importância da cultura em sua formação educacional e social. Nos anos seguintes, tendo no filme uma ferramenta de diálogo e formação, o projeto se amplia, circula tanto na zona urbana como rural, atinge outros municípios.



Projeto: *Olhares: cultura e meio ambiente*. Fonte: Acervo cineclube Ecosocial (2019).

Em 2019, através do Olhares, o Cineclube Eco Social retomou as suas ações voltadas para a temática ambiental. Por meio do Edital 013/2018 de Educação Patrimonial do Fundo de Estado da Cultura, em parceria com o Instituto Manguerê, o Eco Social realizou o Projeto Olhares – Cultura e Meio Ambiente, circulando Oficinas de Educação Ambiental,

Animação, Documentário e Formação Cineclubista, pelos municípios de Vitória, Afonso Cláudio e Itaguaçu.

Usando do recurso audiovisual e da atividade cineclubista, para inovar aos processos de educação patrimonial, a valorização do patrimônio natural capixaba, os olhares e percepções das pessoas sob seu entorno, suas relações humanas e comunitárias, suas formas de olhar se de relacionar com o meio ambiente presente em seus espaços e vivências.

“Com muito carinho e amizade, nós agradecemos a cada momento, olhar, aprendizado que vivenciamos estes dias com vocês!”



**Nossos votos de muita luz para todos e todas! Nossa gratidão!
Valeu ADL! Professores! Alunos! Alunas! Todos integrantes de cada função e espaço na ADL! Foi inesquecível e para sempre na nossa memória!**

Participantes do Projeto: *Olhares: cultura e meio ambiente*. Fonte: Acervo cineclubes Ecosocial (2019).

O Projeto gerou ricos resultados, desde a 03 animações e 03 documentários, e a formação do primeiro cineclubes de Itaguaçu, o Cineclubes Futurista. Atualmente, o Cineclubes Eco Social, está em período de avaliação, planejando as atividades a partir deste segundo semestre de 2019.

Objetivos:

- Democratizar o acesso ao cinema.
- Interiorizar a experiência social no contato com a sétima arte.
- Se apropriar da linguagem audiovisual como ferramenta de voz e empoderamento do olhar e do diálogo, promovendo vivências e aprendizados no espaço de

encontro e construção coletiva, presente no ambiente de realização das atividades do cineclube,

- Contribuir para a difusão e o desenvolvimento do cineclubismo capixaba.

Relato de experiências

Quando da primeira jornada nacional de cineclubes que participamos, a 25ª Jornada, realizada em dezembro de 2004 em São Paulo – SP. Foi quando compreendemos pela primeira vez a dimensão do universo do cineclubismo, descobrimos um mundo chamado cineclube. Dois momentos foram marcantes e são presentes em cada atividade que realizamos nestes 15 anos do Cineclube Eco Social, assim como, presente a cada nova ação que planejamos realizar.

A Jornada foi realizado em um Hotel localizado na esquina da Avenida Ipiranga com a Avenida São João. Tal como a música de Caetano, encontrar e ouvir depoimentos de cineclubistas mais antigas que vinham do movimento cineclubista desde a década de 60, de fato: “Alguma coisa aconteceu em nosso coração”: Fomos contagiados por este amor incurável ao cineclubismo”

Na segunda jornada nacional que participamos, a 26ª Jornada, realizada em Santa Maria – RS. O ônibus saiu do ES, embarcando cineclubistas no RJ e em SP, 03 estados rumo a jornada, mais de 20 horas de viagem. Foram intensas trocas de ideias e vivências já durante a nossa viagem até a jornada. Quando, surgiu uma proposta de se produzir um curta dentro do ônibus durante a viagem. Após horas debatendo o roteiro, começaram a filmar o curta, usando câmeras fotográficas. Ainda não existiam as Semi profissionais DSLR, como a Canon T6i, etc. Eram as primeiras câmeras digitais, como as da Sony com apenas 5 megapixels.

Eu fiquei pasmo e vislumbrado, não imagina ser possível produzir a um filme com aquelas pequeninas câmeras. Quando chegamos na jornada, continuaram a fazer várias curtas, durante os intervalos da programação da jornada. E a noite, nos reunimos em um dos quartos do hotel, para numa sessão cineclubista, assistir aos curtas feitos durante o dia, rolava a festinha, socialização, mas também o debate sobre o filme e as experiências. Quando retornamos para o ES, passamos dias, buscando replicar a vivência em produzir

filme com uma câmera fotográfica. Fizemos de forma bem experimental “Os Caminhos do Rio São José”, entrevistando ribeirinhos, comunitários, etc. E na sessão com o filme, o público era bem maior, era o próprio público assistindo a si próprio no filme projetado, logo, no debate após o filme, eles estavam debatendo com o que os mesmos tinham falado no filme, e este momento, se tornava um empoderamento e aprendizado muito rico, momentos de se aprofundar em suas realidades e falas, os resultados foram aprendizados plurais, e um rico processo de educação ambiental através da linguagem audiovisual.

6. CINECLUBE METRÓPOLIS: AS LUTAS E RESISTÊNCIAS EM UM CINECLUBE UNIVERSITÁRIO

Relato Marcos Valério Guimarães

Nomes: Cineclube Metrópolis (antigo Cineclube Universitário Cláudio Bueno Rocha).

Integrantes: Antônio Claudino de Jesus, Marcos Valério Guimarães, Cloves Mendes, Adilson, Penha Padovan, Adalzira Madeira, Sebastião Ribeiro Filho, Osmar Dalmaschio, entre muitos outros.

Local: Universidade Federal do ES, entre 1974 e 1992, como Cineclube Universitário. De 1992 aos dias atuais, como Cineclube Metrópolis.

O Cineclube Universitário Cláudio Bueno Rocha apropriou-se do nome desse grande jornalista, crítico de cinema e militante político e cultural na cidade de Vitória/ES.

O cineclube nasceu em uma sala de aula no Centro de Estudos Gerais (Humanas) da UFES, em 1974, na efervescência das lutas de resistência à ditadura militar, atuando junto ao Conselho Nacional de Cineclubes na reorganização do movimento, estancado pela ditadura em 1968.

Em 1976 o cineclube ganha uma sala de exibição própria, adaptada com recursos da Funarte e da própria universidade. Torna-se um núcleo de resistência cultural, pois em sua estrutura organizam-se muitas outras expressões da arte, como o teatro, a música e a literatura capixabas, pois à época, a censura pesada não permitia a livre manifestação cultural e artística na cidade. A universidade era, apesar de reitores nomeados, garantia espaços de livre organização e manifestação política e cultural. O Cineclube Universitário era seu grande polo de proposições artísticas, culturais e políticas.



Reunião. Fonte: Sebastião Ribeiro Filho. Fonte: Acervo cineclube Metrópolis (2019).

Comecei minha trajetória no cineclube em 1979, quando iniciei meu curso de engenharia. Inicialmente fazia o trabalho de pesquisa e produ o de textos para os boletins de sessões, com análise crítica, informa es técnicas e históricas dos filmes. Também participava da produ o e divulga o de eventos políticos do cineclube, como os debates e seminários. Particpei da organiza o da Federa o de Cineclubes do ES e fiz parte do Conselho Fiscal do Conselho Nacional de Cineclubes.

Há inúmeras histórias marcantes: todo ano organiz vamos o Mês do Cinema Brasileiro, sempre com temas relacionados   cultura brasileira e o momento político vivido. Debates, cursos, presenças de realizadores. Um mês de pura energia criadora, com a produ o de documentos políticos, manchetes em jornais, manifestos e uma grande participa o do público, tanto universitário, quanto externo.

Em 1984 passo a exercer a Coordena o Geral do cineclube.   um momento delicado, muitas mudanças no contexto social, artístico, cultural e político, mesmo tecnológico, que fez tudo mudar. Por exemplo, a difusão da tecnologia do vídeo profissional (U-Matic) faz com que uma série de usos da película 16mm, como a publicidade, a TV, navios, etc.,

parem. Com isso, a estrutura de copiagem em 16mm dos laboratórios passam a ficar obsoletos e sem uso, sendo desativados. Com isso, para a copiagem dos filmes que alimentavam o circuito cineclubista. As cópias existentes se deterioram. Noutra ponta, a tecnologia do vídeo doméstico (VHS) cria uma oferta de uma infinita videoteca, o que permite o espectador, o público, fazer as suas próprias programações no conforto de casa.

Esse outro ponto: as mudanças políticas também influenciam uma mudança de comportamento do público, que passa a se comportar muito individualmente. O interesse pelas formas coletivas de ação decresce, o interesse pela história do cinema, pelo cinema como cultura, dilui-se em novas demandas. A categoria do consumidor começa a prevalecer sobre a do cidadão.

Inicia-se um período de grave crise no funcionamento do cineclube, agravado pela mudança política dentro da universidade: se a sociedade vive uma transição negociada para uma democracia, internamente temos um movimento de direita que ganha o poder, com a nomeação de um reitor de cores radicais à direita. A cultura passa a ser perseguida, o suporte some. Foram quatro anos de resistência, quando eu chegava a usar meu próprio salário e outras doações para manter o cineclube em funcionamento. Os velhos projetores 16mm eram desmanchados para usarmos peças para reposições.

Ao mesmo tempo, iniciamos a luta para a renovação tecnológica para a película 35mm. Já havia a experiência do Cineclube Bixiga, em São Paulo, que se tornou um modelo de operação tecnológica e cultural, cineclubista. Foi uma luta de 8 anos, que finalmente foi vitoriosa em 10 de janeiro de 1992, quando iniciamos o Metrópolis Cineclube. Dar esse nome foi buscar dar um novo conceito para novos tempos. O filme de Fritz Lang fala de um mundo distópico, o cinema é o horizonte das utopias.

Fiquei na direção do Metrópolis e na universidade até 1995. Foram três anos muito ricos de trabalho. No ano de 1994, vivemos uma eleição para governador que quase elegeu um extrema-direita, numa eleição apertada. Na reta final da campanha, lançamos: *Vejam essa canção* (1994), com a presença de Cacá Diegues. A sessão transformou-se em um ato pró democracia e transformações progressistas. Em uma salinha de 99 lugares, até agosto de 1994 o Metrópolis recebeu mais de 50 mil presenças. O sucesso é tão estrondoso, que a universidade percebe a importância de ter equipamentos que ampliassem a sua relação

com a sociedade eterna, e cria o Centro de Vivência, com lojas e serviços de copiadoras, um teatro de 700 lugares e a nova e ampla sala do Cineclube Metrópolis, com 240 lugares.

O Metrópolis, o Cineclube Universitário, o cineclubismo naqueles momentos tão preciosos para a sociedade brasileira foram uma escola fundamental para mim e muitos dos que estavam naquele grupo de lutas. Um momento muito especial, para encerrar este pequeno memorial, foi a execução de um projeto chamado Interiorização do Cineclubismo, quando rodamos diversas cidades do estado e bairros da Grande Vitória organizando os cineclubes, as mostras, debates, textos. Um trabalho intenso que resultou numa rede de exibição muito dinâmica, politicamente ativa e culturalmente muito significativa. Levamos o cinema brasileiro, a cultura cinematográfica brasileira para lugares e pessoas que não a conheciam, abrindo possibilidades políticas fundamentais para aquele novo momento para o país.

O cineclubismo é escola de democracia, inteligência e liberdade.

7. CINECLUBE MONTANHA SAGRADA: ENTRE PRÁTICAS E PERCEPÇÕES AUDIOVISUAIS

Relato Tiaya Sengers Godoy



Cine Montanha Sagrada. Fonte: Acervo cineclubes Montanha Sagrada (2019).

facebook.com/cinemontanhasagrada/

Integrantes: Tiaya Sengers Godoy, Felipe Barbosa Andrikopoulos e Marcelo Bessa Alves Espíndula (entre outros parceiros e oficinairos).

Apresentação e Histórico

O Cineclubes Cine Montanha Sagrada atua desde agosto de 2013 preservando e estimulando a prática cineclubista com sessões abertas ao público geral, ligadas a atividades artísticas culturais e expressões sócio ambientais no território da Serra do Caparaó Capixaba.

O Coletivo propõe facilitar encontros de comunicação, difundindo e estimulando a formação e qualificação audiovisual, através de oficinas, vivências, mostras e circulações do Cineclube itinerante, na vila rural de Patrimônio da Penha, município de Divino de São Lourenço, estado do Espírito Santo.

O cineclube Cine Montanha Sagrada busca contribuir na formação de multiplicadores culturais locais, oferecendo sessões de cinema livre, oficinas e vivências que auxiliam na formação crítica, oferecendo a possibilidade de crianças, jovens, adultos e idosos adquirirem novas ideias e percepções sobre o nosso mundo atual, que são projetadas e experimentadas na tela e discutidas após as sessões entre os expectadores, criando um impulso artístico, auxiliando principalmente os jovens moradores da comunidade, realizando um constante convite para a reflexão e mudanças de paradigmas.

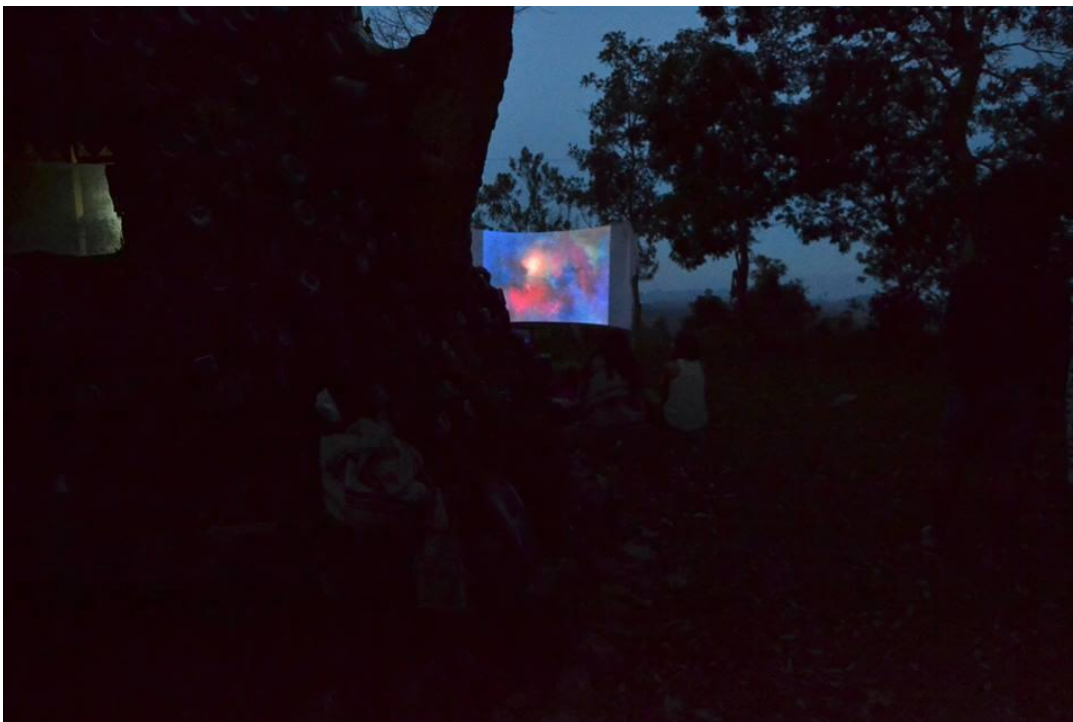
O Coletivo tem atuado com diversas parcerias, levando o cineclube de forma itinerante, pela zona rural, facilitando e exibindo filmes em vivências artísticas, auxiliando na estruturação e perpetuação desses espaços educativos através de atividades de difusão e intercâmbio audiovisual, cultural e ambiental em datas comemorativas ou feriados auxiliando também na programação da Vila do Patrimônio da Penha e sua Montanha, incentivando a economia local.



Mostra de Filmes do Cine Montanha Sagrada na Vivência gratuita de Cerâmica Livre na Casa da Árvore.
Fonte: Acervo cineclube Montanha Sagrada (2019).



Mostra de Filmes do Cine Montanha Sagrada na Praça do Patrimônio da Penha no Carnaval. Fonte: Acervo cineclube Montanha Sagrada (2019).



Mostra de Filmes do Cine Montanha Sagrada na Casa de Vidro. Fonte: Acervo cineclube Montanha Sagrada (2019).

O Coletivo que protagoniza as atividades do Cine Montanha Sagrada pertence a uma diversa rede de agentes culturais que intercambiam seus saberes afim de perpetuarem as suas relações com o meio em que vivem e garantirem sua subsistência aliado a preservação de sua herança e memória cultural.

Entre as inúmeras histórias de resistência social que fortalecem a sua identidade temos a consolidação das parcerias de sucesso entre o cineclube Cine Montanha Sagrada com outras iniciativas locais.

Uma dessas parcerias é o centro de artes e ponto de memória Espaço Puri onde atualmente o cineclube está com a oportunidade de atuar como um efetivo instrumento de difusão de conhecimentos e integração social.



Mostra de Filmes do Cine Montanha Sagrada na Vivência gratuita de Cerâmica no Espaço Puri. Fonte: Acervo cineclube Montanha Sagrada (2019).

8. CINECLUBE NOME PROVISÓRIO: EXPERIMENTAÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO SENSÍVEL, PLURAL E HORIZONTAL

Relato coletivo.

Nome: Cineclube Nome Provisório

Integrantes: Andressa Riguête, Cinthia Barboza, Dante Almeida, Dennys Lacerda, Felipe Lacerda, Gessé Paixão, Juliana Corona, Pedro Novelo, Sâmila Candeia, Samira Neto, Stephany Nobre, Mariana Moretto, Murilo Pasolini, Tamyres Batista e Túlio Buffe.

Local de Atuação: Originalmente na Escola Irmã Maria Horta, mas após ser expulso por decisão arbitrária do conselho escolar, o Cineclube tem atuado em espaços de educação formal (Escolas públicas e Universidade Federal) e informal (Centros culturais, praças, entre outros espaços públicos).

Apresentação e histórico:



Nasce algo vivo: uma experiência estética, pedagógica, ética e política. Fonte: Acervo cineclube Nome Provisório (2019).

Por iniciativa de estudantes e um professor surge em 2012 o cineclube Nome Provisório. Durante os anos de existência do coletivo foram realizadas sessões cineclubistas semanais, saraus, eventos, produções audiovisuais, composições musicais dentre outras atividades que destacam o compromisso em garantir acesso de vivências da diversidade e horizontalidade à comunidade interna e externa da EEEM Irmã Maria Horta.

O surgimento do Cineclube Nome provisório promoveu dentro do contexto escolar, o estímulo e a criação de diversos espaços que favoreceram os encontros entre a comunidade escolar, fortalecendo relações políticas e afetivas entre os estudantes, ensejando conseqüentemente a criação de novos grupos que se valiam de outras linguagens como a jornalística e a literária para questionar o espaço escolar. Iniciativas como o Jornal Tentáculos, o grupo de debate feminista Translativas, o Clube de Leituras “Lado Negro da Força” e programa de rádio homônimo, o observatório e movimento político #FALABOCA, que nasceu como um sarau no horário do intervalo das aulas.

. A imagem desse modo de ser nome provisório tem a forma de um guarda-chuva na medida em que foi uma incubadora orgânica dentro e embaixo da qual esses movimentos se abriram e se desdobraram criando efeitos que tem repercussão até o tempo presente

Em virtude desse posicionamento político-pedagógico integrantes deste grupo sofreram uma série de penalizações por parte da instituição, tais como processo administrativo, remanejamentos e transferências compulsórias de estudantes para outros turnos e escolas, culminando na extinção arbitrária do Nome Provisório por parte do Conselho Escolar. Atualmente, as experiências deste grupo tomam novas configurações dado os contextos vividos e continua insistindo num projeto e prática de educação horizontal, plural, sensível, diversa, libertária e afetiva.

O grupo desde sua origem demonstrou ser um acontecimento estético, político e pedagógico, no mínimo. Nasce ocupando a cena de representação estudantil e também de representação do debate de minorias e diversidades de identidades no contexto escolar. Nesse sentido sua dimensão política se avoluma, pois, surgiu no contexto das eleições do Grêmio Estudantil em 2012 passa dois anos depois a ser uma espécie de herança e única experiência de autonomia, protagonismo estudantil e resposta pedagógica horizontal e de gestão democrática no ambiente escolar além de servir como referência para outras iniciativas de rebeldia político-pedagógico. Propulsado por sua história o NP (Nome

Provisório) segue propondo e estimulando experiências educacionais formais ou não formais mediada pela criação e fruição artística com a tradicional metodologia cineclubista de exibições seguidas de debates, mas sempre com pitadas inusitadas características do grupo que inserem em suas sessões elementos terapêuticos de integração, escutas coletivas de impressões técnico-estéticas, políticas e sobretudo das personalidades, dinâmicas corporais, cantoria, batucadas e compartilha de alimentos.

Relato de experiências:

Escolhemos para compor o relato de experiências, dois acontecimentos relevantes que marcaram nossa trajetória com o cineclubismo e com a educação que nos obrigaram a redimensionar intensamente nossos exercícios e práticas nesta intersecção:

1. O contexto de extinção do espaço institucional onde como matriz ocupávamos.
2. A produção autoral de dois curtas-metragens.

Trazer, como uma marca profunda, o contexto de expulsão, é uma escolha política que temos exercitado sempre que possível nos espaços discursivos, formais ou informais, que é a de afirmar a memória de um grupo que sofreu e ainda sofre com a sua retirada do espaço que sempre acreditou ser, desde o início, um espaço de vida, de potência, alegre e criativo: a escola. Entendemos que evocar a memória é reviver experiências passadas e também ativar no plano presente as construções e experiências futuras. Por isso, escolhemos também relatar o contexto de produção de nossas obras audiovisuais, porque são resultados da interação dessas experiências que passam, todas elas, pela necessidade de criar e inventar outros mundos possíveis e menos hostis a partir de nossos aprendizados com a experiência cineclubista. Nesse sentido, câmera, roteiro, figurino e cenário, se tornam importantes gramáticas para construção da linguagem do mundo que queremos como real.

Sobre os tempos aparentemente harmônicos: até quando não incomoda!

Após quatro anos de atividades intensas, realizadas com respaldo da comunidade e gestão escolar, organizamos em abril de 2016, estudantes, ex-estudantes e um professor, um evento que reunia o lançamento do “Jornal Tentáculos”, um “Reencontrão” com a presença de alguns ex-estudantes que passaram pela escola e que traziam falas sobre como pensavam a educação, como foram suas passagens pela escola durante esses 3 anos e falavam também sobre as diversas opressões que os discentes sofreram no espaço escolar como racismo, machismo, homofobia e outras formas de discriminações, sobretudo as veladas investidas, por estudantes, coordenação e docentes dentro do clima opressivo que se sustenta a escola tradicional, além de ser um convite para a sessão cineclubista do Nome Provisório que ocorreria mais à noite. Durante a atividade os portões da escola foram abertos e os estudantes foram estimulados, por meio de um boicote a saírem. A abertura do portão foi seguida pela tentativa insistente e repetitiva de tomada do microfone pelo coordenador da mão de alguns estudantes e professor que reagiram juntos, com vaias e palavras de ordem que expressavam descontentamento diante de mais uma opressão, mais uma, como acumulação de várias outras que continuamente chegam à direção, professores e aos próprios estudantes. Não imaginávamos que este evento teria este desfecho, mas também não poderíamos evitá-lo, constatando que a proposta dos grupos que estavam presentes era a troca de vivência e que toda vivência também inclui as experiências de divergências, críticas e manifestações

Após o ocorrido nosso grupo soube indiretamente da fixação de um documento no mural da sala de professores e professoras, contendo a decisão do Conselho Escolar pela extinção das atividades do Cineclubes Nome Provisório. Tal iniciativa do Conselho demonstrou o caráter anti-dialógico da gestão escolar que nem mesmo notificou, convidou ou ao menos informou o coletivo de uma pauta que o interessava: a pauta de sua própria expulsão. A arbitrariedade se avoluma quando fazemos o reconhecimento que nenhum espaço dialógico durante ou após o ocorrido fora criado para uma possível defesa por parte de nosso cineclubes até hoje.

A experiência da expulsão marcou profundamente nossa vivência enquanto grupo, e enquanto agentes cineclubistas engajados na produção de olhares alternativos aos processos educacionais. Fomos retirados de nosso local original, entretanto seguimos realizando sessões em outras escolas públicas, nas ocupações secundaristas, na

Universidade, em espaços públicos, reafirmando que nosso compromisso com a educação segue a despeito de qualquer impulso mortificador, pelo contrário fomos impulsionadas a estabelecer mais vínculos institucionais e reconhecer o exercício político de multiplicação de práticas como estas, que ora contamos, em espaços educacionais tão carentes de resistências inventivas e impulsos vitais para a diversidade e diferença..

“Vamos fazer um filme”

Além das sessões cineclubistas, nosso grupo também se aventurou na experimentação da produção autônoma e experimental de curtas-metragens. A diversidade de ideias, somado a criatividade e a competência técnica de cada integrante do grupo, deu o tom as produções do Nome Provisório. A escolha dos temas abordados e as metodologias para a produção sempre se assentaram em práticas horizontais e tomadas de decisões coletivas que caracterizaram a pedagogia do grupo.

Raspagem

Nossa primeira produção marca também o momento em que começamos a nos apropriar das linguagens técnicas do meio audiovisual. Gravado no contraturno das aulas, na pequena sala que mantínhamos na escola - onde também aconteciam nossas sessões de cinema - foi marcado por uma série de improvisos que conferiram ao curta-metragem uma estética experimental e poética. *Raspagem* é uma aposta sobre um olhar que critica as formas coloniais e tradicionais de estar no mundo e aponta para uma nova postura humana, sendo também um convite para habitar as paisagens transformadoras de ser mulher, criança e louco. Cabe ressaltar que tivemos auxílio das cineastas Laíssa Gamaro e Joyce Castelo, que ministraram uma oficina de audiovisual pelo programa “Estado Presente”, e foram fundamentais na etapa de captação de imagens e Edição.

Nossa primeira produção marca também o momento em que começamos a nos apropriar das linguagens técnicas do meio audiovisual. Gravado no contraturno das aulas, na pequena sala que mantínhamos na escola - onde também aconteciam nossas sessões de cinema - foi marcado por uma série de improvisos que conferiram ao curta-metragem uma estética experimental e poética. *Raspagem* é uma aposta sobre um olhar que critica as formas coloniais e tradicionais de estar no mundo e aponta para uma nova postura humana, sendo também um convite para habitar as paisagens transformadoras de ser mulher, criança e louco. Cabe ressaltar que tivemos auxílio das cineastas Laíssa Gamaro

e Joyce Castelo, que ministraram uma oficina de audiovisual pelo programa “Estado Presente”, e foram fundamentais na etapa de captação de imagens e Edição.



Cena do filme *Raspagem*. Fonte: Acervo cineclube Nome Provisório (2019).



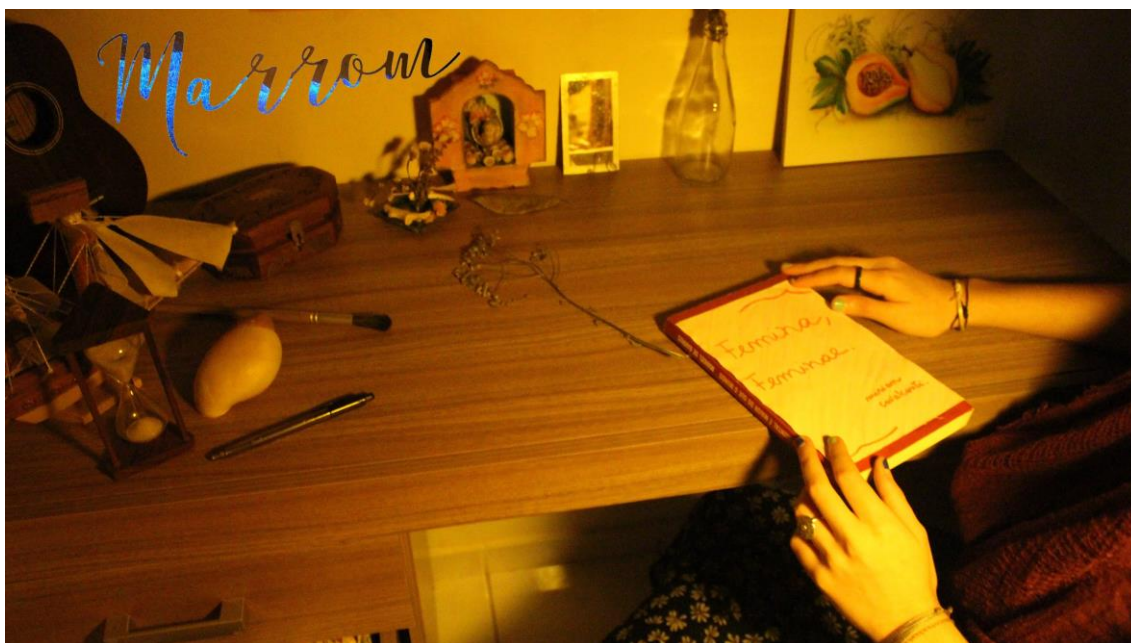
Cena do filme *Raspagem*. Fonte: Acervo cineclube Nome Provisório (2019).

Confira a obra na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=K3wnfRagBxE>

Raspage foi lançado em 2014, na EEEM Irmã Maria Horta e selecionado em 2015 para participar do festival “*Visões Periféricas-Imaginário Digital*” no Rio de Janeiro, festival de relevância entre realizadores de audiovisual no país por fomentar e estimular ações audiovisuais nas periferias, além de ter sido exibido em diversas mostras locais tais como *Festival Saia da Inércia Domingos Martins* E a *10ª Mostra Produção Independente – O Lugar da Memória*, realizado pela ABD Capixaba, também em 2015.

Marrom

Nosso segundo curta-metragem nasce do convite que recebemos para organizar o lançamento da obra “*Femina, feminae - Silêncio, silêncios*” de Mirian Cavalcanti, ao aceitarmos mediar o evento também percebemos que poderíamos contribuir exercitando mais uma vez a linguagem cinematográfica. Dessa interação nasce o roteiro que idealizamos, livremente inspirado no livro da escritora capixaba. Ele descreve de modo poético a relação entre uma avó, a neta e o mar. Produzido a partir de nosso esforço coletivo, gravado na casa dos integrantes do grupo e nas locações de nossa cidade, Vitória. Teve colaboração intensa e edição final de nosso querido amigo Bruno Miranda, que partiu, muito jovem, no fim de 2018. Esse filme também, e sobretudo é dedicado à memória dele.



Cena do filme *Marrom*. Fonte: Acervo cineclube Nome Provisório (2019).

Confira a obra na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=NAaQ90FrUfs>

O filme foi lançado em 2017, juntamente com a obra da autora no MUCANE (Museu Capixaba do Negro) e também foi exibido em maio de 2019, na homenagem em que familiares e amigos fizeram à memória de Bruno, e por último, compôs a programação do VIRADÃO CULTURAL 2019, juntamente com “Raspagem” no “MAES NA FACHADA”, intervenção artística que contou com a projeção de diversos trabalhos audiovisuais de jovens artistas do Estado.



Lançamento do filme Marrom, no Museu Capixaba do Negro (MUCANE). Fonte: Acervo cineclube Nome Provisório (2019).

facebook.com/cinomeprovisorio/





RELATOS DE EXPERIÊNCIAS: CINECLUBES CAPIXABAS

FERNANDES, N. M. G. (ORG.)

2019

A REPRODUÇÃO PARCIAL
DESTE LIVRO SEM FINS
LUCRATIVOS, PARA USO
PRIVADO OU COLETIVO, EM
QUALQUER MEIO IMPRESSO
OU ELETRÔNICO, ESTÁ
AUTORIZADA, DESDE QUE
CITADA A FONTE. SE FOR
NECESSÁRIA A REPRODUÇÃO
NA ÍNTEGRA, SOLICITA-SE
ENTRAR EM CONTATO COM O
AUTOR.